



---

**“AND SIN IS BUT A NAME”:  
UMA ANÁLISE DOS SÍMBOLOS EM “YOUNG GOODMAN  
BROWN”**

**Davi Silva Gonçalves**

Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO)

E-mail: gdavi1210@gmail.com

**Adriana Carolina Aleixo**

Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO)

E-mail: aleixo.adrianac@gmail.com

**RESUMO**

O objetivo central deste trabalho é analisar a simbologia presente no conto *Young Goodman Brown*, de Nathaniel Hawthorne, publicado no ano de 1835. Utilizamos o *Dicionário de Símbolos* (2015), de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant; e o capítulo intitulado *Focus on Symbolism* presente no livro *Short Stories: an anthology for undergraduates* (2004), escrito por Thomas Bonnici, para a análise da simbologia no conto. Utilizamos também os livros *Contos fantásticos do século XIX: o fantástico visionário e o fantástico cotidiano* (2004), de Ítalo Calvino, e *O Horror Sobrenatural em Literatura* (2007), de Howard Phillips Lovecraft, assim como passagens dos livros *Gênesis* e *Apocalipse* presentes na *Bíblia* para traçar relações com excertos do conto. A relevância desta pesquisa pode ser justificada pelo fato de que podemos observar como acontecimentos históricos – neste caso a Caça às Bruxas e a autoridade da religião puritana – parecem ter influência na percepção que temos de nossa sociedade. Demonstramos, portanto, como a literatura surge como um mecanismo de suma relevância não só para representação dessa percepção, mas também, e talvez principalmente, para seu questionamento, sendo a arte uma ferramenta concreta para a mais profunda insubmissão.

**PALAVRAS-CHAVE:** Hawthorne Literatura. Religião. Simbologia.

**AND SIN IS BUT A NAME:**

**AN ANALYSIS OF YOUNG GOODMAN BROWN SYMBOLS**

**ABSTRACT**

The main purpose of this work is to analyze the symbolism in Nathaniel Hawthorne's short story *Young Goodman Brown*, published in 1835. We used Jean Chevalier and Alain Gheerbrant's *Dicionário de Símbolos* (2015); and the chapter *Focus on Symbolism*, from the book *Short Stories: an anthology for undergraduates* (2004), written by Thomas Bonnici, to analyze the symbolism in the short story. We also used the books *Contos fantásticos do século*

*XIX: o fantástico visionário e o fantástico cotidiano* (2004), by Ítalo Calvino, and Howard Phillips Lovecraft's *O Horror Sobrenatural em Literatura* (2007), as well as passages from the books Genesis and Apocalypse from The Bible to relate them with excerpts from the short story. The relevance of this study is due to the fact that we can observe how historical events – in this case the witch hunt and the authority of puritan religion – influence our perception over society. We demonstrate, therefore, how literature emerges as a crucial mechanism not only to represent such perception, but also, and maybe chiefly, for questioning it, after all art is a concrete tool for the most profound resistance.

**KEYWORDS:** Hawthorne. Literature. Religion. Symbolism.

## INTRODUÇÃO

Nathaniel Hawthorne (1804-1864) foi um escritor Norte Americano conhecido por seus romances e contos carregados de alegorias e simbologias. Hawthorne ficou amplamente conhecido pelo seu romance *A Letra Escarlate* (1850), que aborda o tema do puritanismo e da intolerância entre os religiosos. No conto “Young Goodman Brown”, publicado no ano de 1835, Hawthorne conta sobre a noite em que Goodman Brown deixa sua esposa Faith (“Fé”, em português) para seguir uma jornada espiritual pela floresta. Ao adentrar a floresta, Goodman Brown encontra com pessoas de seu convívio que fazem com que ele comece a questionar tudo que ele tinha como verdade absoluta sobre a sua fé e sobre a sua história.

A estruturação deste trabalho é iniciada com a introdução onde apresentamos o objetivo e a metodologia utilizada no trabalho, seguida pela descrição da fundamentação teórica que serviu de base para a análise do conto; posteriormente descrevemos a discussão do conto e finalizamos com as considerações finais e referências.

O objetivo geral deste presente trabalho é analisar a simbologia presente no conto “Young Goodman Brown”, utilizando como base teórica principal o *Dicionário de Símbolos: mitos, sonhos, costumes, formas, figuras, cores, números* (2015), de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant. Mais especificamente, nossos procedimentos consistem em analisar o conto e suas características e objetos simbólicos. Quanto à metodologia utilizada, esta pesquisa consiste numa análise literária de cunho argumentativo, com desdobramento bibliográfico na área de Literatura Norte-Americana. Após leitura, fichamento e identificação de alguns dos elementos simbólicos que costumam permear boa parte dos escritos de Hawthorne, analisamos o conceito de simbologia através de excertos da obra que contribuem para nossa percepção e interpretação do conto.

## O PURITANISMO, SIMBOLOGIA, HAWTHORNE E O CONTEXTO HISTÓRICO

Antes de adentrar na análise crítica do conto em si, esclarecemos a fundamentação teórica usada neste trabalho, tendo como base principal o *Dicionário de Símbolos: mitos, sonhos, costumes, formas, figuras, cores, números* (2015), de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant. Segundo Chevalier, “o pensamento simbólico [...] procede não pela redução do múltiplo ao *uno*, mas sim pela desintegração do *uno* em múltiplo, para melhor perceber [...] a unidade desse múltiplo” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p.15, grifo do autor), deste modo, apropriada palavra *símbolo* apresenta inúmeras variações de sentido.

Outra referência teórica utilizada neste trabalho é o livro *Short Stories: an anthology for undergraduates* (2004) de Thomas Bonnici. Neste livro, no capítulo intitulado “*Focus on Symbolism*”, o autor afirma que o “símbolo é um objeto que representa ou significa algo diferente do que aparenta ser [...]. Um símbolo literário combina uma imagem com um conceito [...], entretanto, um símbolo fictício tem o seu significado derivado do contexto” (BONNICI, 2004, p. 186-187, tradução nossa).<sup>1</sup>

Sobre o autor Nathaniel Hawthorne, utilizamos a introdução do livro *Contos fantásticos do século XIX: o fantástico visionário e o fantástico cotidiano* (2004), escrita por Ítalo Calvino. Segundo Calvino, Hawthorne é o autor que mais se aprofunda “no campo moral e religioso, tanto no drama da consciência individual quanto na representação sem disfarces de um mundo forjado por uma religiosidade extrema como a da sociedade puritana” (CALVINO, 2004, p. 7).

Citamos, também, neste trabalho, o livro *O Horror Sobrenatural em Literatura* (2007), de Howard Phillips Lovecraft, para discutir a atmosfera criada ao longo do conto, assim como as representações do medo sentido por Goodman Brown. Neste trabalho traçamos ainda algumas relações entre trechos do conto e passagens bíblicas, utilizando principalmente os livros Gênesis e Apocalipse. Quanto às referências históricas, utilizamos várias fontes de pesquisa, as quais estão devidamente referenciadas no decorrer do trabalho. Antes de mais nada, e resumidamente, é válida uma historicização daquilo que entendemos hoje como puritanismo:

Torna-se claro na leitura do Mayflower Compact (acordo firmado pelos colonos a bordo do navio Mayflower, em 1620, que se tornaria base para a constituição do primeiro sistema de governo em solo norte-americano), que a viagem ao Novo Mundo, bem como o estabelecimento de um arranjo político

---

<sup>1</sup> “Symbol is thus an object which represents or stands for something else. [...] A literary symbol combines an image with a concept [...], a fictional symbol, however, derives its meaning from context.”

para administrar o empreendimento, eram tarefa subordinada primeiramente a Deus e à fé cristã, e apenas subsidiariamente ao poder secular do rei da Inglaterra (...). Essa interpretação do “contrato com Deus” era condizente com a ortodoxia “preparacionista” então prevalecente entre colonos puritanos, que se fundava na convicção em uma “dialética da graça”, a qual, se compatível com o princípio calvinista da atribuição da graça por Deus, também enfatizava a conveniência (ou necessidade) de os homens “prepararem-se para recebê-la”, criando para tal fim uma sociedade moral, religiosa e politicamente sem falhas. Nesse sentido, as freqüentes referências ao “contrato com Deus” e seus objetivos (entre eles o de construir uma “cidade na colina”) traziam embutida a idéia de que uma sociedade puritana (e tudo aquilo que ela implicava em termos de esforços espirituais e seculares) era antes de tudo uma experiência que visava determinar a factibilidade de se estabelecer no mundo a “verdadeira ordem”. (se FONSECA, 2007, p. 163)

Nesse contexto, e até meados do século XVII a literatura e a arte ocidental tinham a função de enaltecer a fé e as crenças cristãs, a partir desta época elas passaram, muitas vezes, a criticar uma à outra. Com isto, a literatura começou a ser utilizada para questionar a soberania da igreja e a sua influência nos fiéis. Nathaniel Hawthorne, em suas obras, é muito lembrado por utilizar-se amplamente de símbolos e objetos para criar uma nova percepção quanto à fé cristã e criticar as autoridades extremistas do Puritanismo. Por meio da simbologia, podemos interpretar o conto para muito além do sentido literal do que está escrito, e, portanto, nesse estudo investigamos em que medida podemos adquirir uma nova percepção sobre o seu significado.

**Desenvolvimento:** “Young Goodman Brown” inicia-se com o protagonista que dá nome à história se despedindo de sua esposa Faith para seguir sua jornada noite adentro. O ato da despedida está carregado de significados alegóricos com a apresentação de Faith, que leva em sua cabeça fitas cor de rosa. Quando ela pede ao marido que espere até o amanhecer para seguir sua jornada, ele responde: “meu amor e minha Faith (...), de todas as noites do ano, nesta eu preciso me afastar de sua presença. Minha jornada (...) precisa ser realizada até o amanhecer (...)” (HAWTHORNE, 2004, p. 207, tradução nossa).<sup>2</sup> É importante ressaltar a tradução do nome Faith, que em português significa *fé*, e a sua relação com a história. Podemos inferir que Goodman Brown não apenas está se despedindo de sua amada esposa, como também de sua fé para prosseguir em sua jornada. Faith é descrita como uma bela moça, sempre

---

<sup>2</sup>“My Love and my Faith, [...] ‘of all nights in the year, this one night must I tarry away from thee. My journey [...] must needs be done ‘twix now and sunrise [...]’”

com fitas cor de rosa em sua cabeça. Segundo o *Dicionário de Símbolos* (2015), enquanto amarrada, a fita tem uma conotação positiva,

(...) é um signo de desabrochar (...). A fita recompensa um ato de coragem ou uma vida que se distingue (...), pode também encerrar um ser em sua vaidade e comprometer o seu desenvolvimento espiritual. Seres são estrangulados com fitas; pode-se também entender o estrangulamento com fita no sentido moral e psicológico (...). (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p. 433)

Quanto à fita, pode ser feita uma relação tanto com a flor rosa como com a cor. A rosa, segundo Chevalier & Gheerbrant (2015), é um símbolo do amor puro e do dom do amor (p. 789); além disso, ela pode representar os valores religiosos – neste caso representando a religião puritana seguida por Faith. Durante sua jornada pela floresta, Goodman Brown lembra várias vezes de Faith e suas fitas cor de rosa, às vezes sendo motivado a não abandonar a sua fé, mas por vezes também amargurado, como se sentisse *estrangulado* moralmente por ela.

Seguindo a história, Goodman Brown adentra a floresta por uma estrada sombria, temendo por tudo que pode estar espreitando na escuridão, fosse um nativo endiabrado ou o Diabo em pessoa. Logo ele avista a figura de um homem sentado debaixo de uma velha árvore; pelo que ele podia distinguir, o homem devia ter em torno de 50 anos de idade e um ar indescritível de quem conhecia o mundo. Porém, a única coisa neste estranho que podia ser tomada como extraordinário era o cajado que ele carregava que se assemelhava a uma grande cobra negra, trabalhado de maneira que parecia até se contorcer como tal. Ao se encontrarem, o homem fala ao protagonista que ele está atrasado, e Goodman Brown responde “Faith me conteve por um tempo” (HAWTHORNE, 2004, p. 208, tradução nossa) <sup>3</sup> – aqui podemos inferir que a fala está ligada à fé e não somente à sua esposa.

O estranho convence Goodman Brown a seguir viagem em sua companhia, porém Goodman exclama que isto está indo longe demais, que seu pai ou seu avô nunca concordariam em seguir tal jornada. Isto porque sua família era composta por homens honestos e bons cristãos, e ele não seria o primeiro de seu nome a seguir este caminho ao lado de tão questionável companhia. O senhor que o acompanha responde:

---

<sup>3</sup>“Faith kept me back a while”

Pois bem, Goodman Brown! Estou muito bem familiarizado com sua família assim como com qualquer um dentre os Puritanos (...). Ajudei seu avô quando ele açoitou a mulher quacre por entre as ruas de Salem; fui eu quem entregou a seu pai uma pinha acendida em minha própria lareira para queimar uma vila indígena (...). Eles foram grandes amigos meus, e muitas caminhadas agradáveis tivemos neste caminho (...). (HAWTHORNE, 2004, p. 209-210, tradução nossa)<sup>4</sup>

Entendemos que, em termos de análise literária, nenhuma obra se limita ao contexto biográfico do autor, nem depende de uma compreensão demasiadamente aguda de sua condição enquanto sujeito social de sua época. Não obstante, vemos nesse conto uma referência muito constante nos escritos de Hawthorne – e que não acontece por acaso. Sendo assim, e tendo em vista o nosso objetivo de analisar os símbolos presentes na obra em questão, é válido aqui levar em conta um pouco daquilo que sabemos acerca da vida do autor, para fins de maior aprofundamento no tema. Neste excerto, podemos traçar uma relação com o contexto familiar do autor, assim como com a situação político-social da cidade de Salem em torno do final do século XVII.

A família de Hawthorne viveu em Salem, Massachussets, onde um de seus ancestrais, William Hathorne, foi um magistrado defensor da ortodoxia puritana que condenou uma mulher quacre<sup>5</sup> a ser chicoteada publicamente. John Hathorne, filho de William, foi juiz durante a Caça as Bruxas de Salem, que teve seu ápice no ano de 1692. Durante a “caça”, a identificação de bruxas era feita a partir de suspeitas e rumores, e os julgamentos e execução das bruxas de Salem foram o resultado de uma combinação entre a política da Igreja, brigas entre famílias e a histeria de crianças. Depois de muitas pesquisas encabeçadas por estudiosos das mais diversas áreas, um consenso parece ter sido atingido: no período em questão temos a concretização de um colapso coletivo no que concerne aos direitos humanos, já que fofocas e “picuinhas” entre habitantes da cidade que não simpatizavam uns com os outros geraram perseguição, tortura e extermínio em massa, sancionados pelo estado e elogiados pela igreja. Neste acontecimento histórico, mais de 200 pessoas foram acusadas de praticar bruxaria, e em torno de 20 pessoas foram executadas.

---

<sup>4</sup>“Well Said, Goodman Brown! I have been as well acquainted with your family as with ever a one among the Puritans [...]. I helped your grandfather [...] when he lashed the Quaker woman so smartly through the streets of Salem; and it was I that brought your father a pitch-pine knot, kindled at my own hearth, to set fire to an Indian village [...]. They were my good friends, both; and many a pleasant walk have we had along this path [...].”

<sup>5</sup>Quacre: membro do grupo cristão conhecido como Sociedade dos Amigos, que busca a manifestação divina de maneira pessoal, sem a intervenção de representantes da Igreja. Os quacres são conhecidos por se oporem à escravidão, tortura e violência. No século XVII, alguns quacres se estabeleceram em colônias na América do Norte. Disponível em: <<https://www.britannica.com/topic/Quaker>> Acesso em: 01 jun, 2019.

Após esse momento de hipocrisia desvelada, prosseguindo o trajeto através da floresta, Goodman Brown e seu companheiro continuam debatendo sobre a insegurança e o medo de Goodman em seguir a jornada. Parte de sua preocupação recaía sobre como ele iria encarar as pessoas de autoridade religiosa da sua comunidade após seguir a caminhada com tal companhia, ou, ainda pior, como ele poderia fazer isto com sua Faith. Mais adiante avistam uma pessoa que Goodman Brown reconhece ser Goody Cloyse, sua antiga catequista, uma senhora que ele tinha como sua conselheira moral e espiritual. Goodman prefere se esconder entre as árvores para não ser visto – e julgado – pela senhora, enquanto seu companheiro foi até a direção dela e a encostou com a ponta do cajado. Prontamente ela exclama: “O Diabo!” (...A que ele responde...) “Então Goody Cloyse reconhece seu velho amigo?” (HAWTHORNE, 2004, p.211, tradução nossa)<sup>6</sup>. Ela concorda e conta a ele que sua vassoura desapareceu, ou foi roubada, e ela estando pronta para a reunião daquela noite, mas sem cavalo para cavalgar, seguiu a pé pela estrada até encontrar com ele. O homem empresta seu cajado para que ela o utilize a fim de chegar mais rápido até o local do encontro e, antes que Goodman Brown percebesse, Goody Cloyse havia desaparecido na estrada. Agora restava ali apenas o companheiro que aguardava pacientemente por ele.

Este é o primeiro momento no conto em que é assumida a verdadeira identidade do senhor que acompanha Goodman Brown, tendo a confirmação de que ele é o Diabo. Neste trecho do conto há muitas insinuações em relação ao cajado que ele carrega e depois empresta para Goody Cloyse. De acordo com o Dicionário de Símbolos (2015), o cajado está relacionado às vassouras das feiticeiras que se dirigiam ao Sabá, de modo que ele é “*símbolo da MONTARIA invisível, veículo de suas viagens através dos planos e dos mundos*” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p. 124, grifo do autor). Outra interpretação apresentada diz que ele “é também o signo da autoridade legítima que é confiada ao chefe eleito de um grupo” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p. 125).

Ressaltamos também a aparência deste cajado, que se assemelha tanto a uma serpente que por vezes parece até se movimentar como tal. Arriscamos dizer que esse objeto consiste em um dos símbolos mais importantes do conto, tendo em vista a recorrência em que é citado durante a narrativa – o que faz com que ele opere, inclusive, como um motivo. Paradoxalmente, temos ao mesmo tempo, através dele, o efeito literário do zoomorfismo e do antropomorfismo (um objeto sem vida que se confunde com um animal o qual, por sua vez, se confunde com a própria personagem Diabo, já que este é reconhecidamente representado pela figura da serpente). A imagem da serpente também aparece no conto como um símbolo permeado de significados. Segundo Chevalier & Gheerbrant (2015), a serpente

---

<sup>6</sup>“The devil! [...] Then Goody Cloyse knows her old friend?”

aparece em mitologias do mundo todo, mas na mitologia cristã foi retido apenas o seu aspecto negativo. No livro do Apocalipse é proclamado: “9 E foi expulso o grande dragão, a antiga serpente, que se chama diabo e Satanás, o sedutor de todo o mundo. Ele foi atirado para a terra, e, com ele, os seus anjos” (APOCALIPSE, 12:9).

Voltando ao conto, após retomar a caminhada, o companheiro de Goodman Brown arranca um galho de uma árvore de bordo e começa a retirar suas folhas e galhos para usar como um apoio para caminhar. Assim que toca o galho, as folhas ficam estranhamente secas, como se tivessem passado uma semana inteira debaixo do sol. Os dois caminham mais um pouco até que Goodman para e senta-se em um toco de uma árvore, se recusando a seguir adiante. “Amigo (...), nenhum passo a mais irei dar nesta jornada. Se aquela miserável velha escolhe ir até o Diabo quando pensei que ela iria para o Paraíso: isto é razão o suficiente para eu abandonar minha querida Faith e segui-la?” (HAWTHORNE, 2004, p.213, tradução nossa)<sup>7</sup>. Disse Goodman Brown; e o seu companheiro responde: “Aos poucos você pensará melhor sobre isso (...). Sente-se aqui e descanse um pouco; quando sentir-se motivado novamente, aqui está o meu cajado para ajudá-lo” (HAWTHORNE, 2004, p.213, tradução nossa).<sup>8</sup>

O homem joga o cajado aos pés de Goodman Brown e desaparece na estrada. O jovem fica ali sentado alguns momentos, orgulhoso de si mesmo por ter negado a continuação da jornada e pensando sobre como prosseguiria seus dias com a consciência limpa, e, ainda mais, em como dormiria tranquilo naquela mesma noite nos braços de Faith. Em meio aos seus pensamentos, Goodman Brown ouve o barulho de cavalos vindo em sua direção pela estrada, e julga ser apropriado esconder-se, novamente, entre as árvores. Lá, o jovem pode ouvir junto com os cascos dos cavalos as vozes de dois homens conversando, mas a escuridão daquele lugar não o deixava enxergar com exatidão nem os cavalos nem os cavaleiros; porém ele reconhece que as vozes pareciam ser do Ministro e do Diácono Gookin. Ainda escondido, Goodman Brown ouve o Diácono Gookin dizer ao Ministro que “preferiria perder um jantar de ordenação que perder a reunião desta noite (...). Além do mais, há uma boa moça a ser levada em comunhão” (HAWTHORNE, 2004, p.214, tradução nossa).<sup>9</sup>

O Ministro e o Diácono seguem sua cavalgada, enquanto Goodman Brown se vê obrigado a apoiar-se em uma árvore, se sentindo sobrecarregado com tudo o que tem visto e ouvido desde que

---

<sup>7</sup> “Friend [...] not another step will I budge on this errand. What if a wretched old woman do choose to go to the devil when I thought she was going to heaven: is that any reason why I should quit my dear Faith and go after her?”

<sup>8</sup> “You will think better of this by and by [...]. Sit here and rest yourself a while; and when you feel like moving again, there is my staff to help you along.”

<sup>9</sup> “I had rather miss an ordination dinner than to-night’s meeting. [...] Moreover, there is a goodly young woman to be taken into communion”



iniciou sua jornada. O jovem olha para o céu, duvidando se realmente havia acima dele um Paraíso, e exclama: “Com o Paraíso sobre mim e Faith ao meu lado, me mantereí firme contra o Diabo!” (HAWTHORNE, 2004, p.215, tradução nossa)<sup>10</sup>. Enquanto olhava fixamente para o céu e juntava suas mãos para iniciar uma oração, uma nuvem pairou sobre ele escondendo o brilho das estrelas e, apesar do céu continuar limpo, a escuridão da nuvem estava apenas sobre Goodman Brown. Desta nuvem parece sair uma mistura confusa de vozes, e o jovem até pensou se o que ele estava ouvindo eram realmente vozes ou apenas o murmúrio da própria floresta; até que então ele ouviu os lamentos de uma jovem e outras vozes de santos e de pecadores que a encorajavam a seguir adiante.

Quanto a este trecho do conto, trazemos uma contribuição do escritor Howard Phillips Lovecraft presente no seu livro *O Horror Sobrenatural em Literatura* (2007). Segundo o escritor, “a emoção mais antiga e mais forte da humanidade é o medo, e o tipo de medo mais antigo e mais poderoso é o medo do desconhecido” (LOVECRAFT, 2007, p.13). Por todo o conto podemos perceber o medo que Goodman Brown sente – sendo este medo muitas vezes justificado por seu receio em ser julgado perante as pessoas que ele tem como autoridades religiosas, ou mesmo o medo das coisas maléficas que espreitam na escuridão da floresta –; porém neste trecho fica explícito o medo do desconhecido. Podemos sugerir essa leitura principalmente quando Goodman assume que as vozes que ele escuta são as do Ministro e do Diácono, mesmo sem poder ver a figura deles, assim como quando ele indaga se realmente existe um Paraíso, e quando ele não consegue distinguir se as vozes que ele escuta vêm da nuvem que paira sobre ele ou se faz parte dos sons da floresta. A atmosfera criada neste trecho do conto reflete no sentimento irreparável de medo do desconhecido e daquilo que é aparentemente injustificável para Goodman Brown. Sobre esta atmosfera criada, podemos citar novamente Lovecraft quando ele diz que:

[U]ma certa atmosfera inexplicável e empolgante de pavor de forças externas desconhecidas precisa estar presente; e deve haver um indício (...) daquela mais terrível concepção do cérebro humano – uma suspensão ou derrota maligna e particular daquelas leis fixas da Natureza que são nossa única salvaguarda contra os assaltos do caos e dos demônios dos espaços insondáveis. (LOVECRAFT, 2007, p. 17)

Deste modo, o medo que Goodman Brown sente, até este momento do conto, não é originado por um horror físico ou visual, mas sim pelo ambiente em que ele se encontra, onde a escuridão e a incerteza perturbam-lhe a mente e o fazem duvidar de sua própria fé. Este ambiente criado em torno de Goodman Brown pode ser considerado também como um símbolo de modo que, através do conflito

---

<sup>10</sup> “With heaven above and Faith below, I will yet stand firm against the devil!”

vivido pelo protagonista, ele carrega um significado maior para a interpretação do conto; pois a escolha de seguir a sua jornada, assim como o rompimento com as suas crenças, faz com que a consciência de Goodman Brown contribua para a criação da atmosfera dentro da floresta.

Esta atmosfera perturbadora pode ser observada também no seguinte excerto, quando Goodman Brown, em um momento de agonia e desespero, grita por Faith. A resposta que ele obtém, a princípio, é perturbadora, segundo a perspectiva do narrador: “(...) os ecos da floresta o ridicularizavam, gritando ‘Faith! Faith!’ como se inúmeros desgraçados procurassem por ela através da floresta” (HAWTHORNE, 2004, p.215, tradução nossa).<sup>11</sup> O que acontece a seguir muda o rumo do conto, pois entre o medo, a raiva e o terror que estava sentindo, Goodman Brown percebe algo que flutuava levemente preso em um galho de uma árvore. Ao se aproximar, ele nota que o objeto se tratava de uma fita cor de rosa e, espantado, exclama: “Minha *Faith* se foi [...]! Não há mais bondade no mundo; e o pecado é apenas uma palavra. Venha, Diabo; pois a ti este mundo foi entregue” (HAWTHORNE, 2004, p.216, tradução nossa, grifo nosso).<sup>12</sup>

Após tanto ignorar as imagens que pululam ao seu redor, insistindo em manter seus valores e preceitos morais anteriores ao início de sua jornada, temos finalmente o momento em que Goodman Brown parece abrir mão de suas seguranças por completo. Podemos analisar esta passagem lembrando primeiramente a dualidade do nome “Faith”, sendo que neste caso Goodman Brown poderia estar se referindo à sua esposa ou à sua fé. Mas também devemos lembrar o significado da fita cor de rosa, que, de acordo com o *Dicionário de Símbolos* (2015), pode ilustrar, como já mencionado, a perda da inocência ou um estrangulamento moral e psicológico (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p.433). Neste momento no conto, Goodman Brown, enlouquecido com o seu próprio desespero, pega o cajado e segue o trajeto tão rapidamente que parece voar, até chegar ao coração da floresta escura onde, no ápice de sua loucura, ele exclama:

Ah! Ah! Ah (...)! Vamos ver quem vai rir mais alto. Não pensem em me assustar com suas perversidades. Que venham bruxas e feiticeiros, que venham nativos e curandeiros, que venha o Diabo em pessoa, pois eis aqui Goodman Brown. Temam a ele tanto quanto ele teme a vocês. (HAWTHORNE, 2004, p.216, tradução nossa)<sup>13</sup>

<sup>11</sup> “the echoes of the forest mocked him, crying, “Faith! Faith!” as if bewildered wretches were seeking her all through the wilderness.”

<sup>12</sup> “My Faith is gone [...]! There is no good on earth; and sin is but a name. Come, devil; for to thee is this world given.”

<sup>13</sup> “Ha! Ha! Ha [...]! Let us hear which will laugh loudest. Think not to frighten me with your devilry. Come witch, come wizard, come Indian powwow, come devil himself, and here comes Goodman Brown. You may as well fear him as he fear you.”

Depois de ser bombardeado por todos os acontecimentos já aqui descritos e analisados, temos aqui um Goodman Brown totalmente acometido por um frenesi incontrolável. Como nada mais fazia sentido, se o seu conhecimento de mundo antes lhe deixava tão temeroso a ponto de esconder-se sempre que ouvia algum barulho ou via algo estranho durante a jornada, agora esse conhecimento prévio parece ter sido completamente reescrito pela sua experiência vivida nas páginas anteriores. Seu medo se transforma em uma coragem que beira a imprudência; ele não mais se apavora perante o desconhecido, mas, de cabeça erguida, chega, aqui, a desafiá-lo. Seguindo neste ritmo frenético através da floresta, o jovem avista uma luz vermelha e percebe que um louvor está sendo cantado, e segue até chegar a uma clareira. Aqui, temos uma mudança significativa na ambientação do conto, pois, se antes tínhamos dois personagens caminhando à esmo e sendo interrompidos por aparições durante a jornada, agora esta parece ter levado o protagonista para algum destino específico, que aos poucos se desdobra. A extremidade oposta de onde ele estava era marcada pela escuridão da floresta, e havia uma pedra que se assemelhava a um altar cercado por quatro pinheiros em chamas. Uma massa de folhagens e musgo queimava no topo do altar e iluminava todo o campo onde agora estava reunida uma numerosa congregação composta por todos os tipos de pessoas possíveis. Ali estavam fiéis devotos, membros da igreja da vila de Salem, o Diácono Gookin e o Pastor, assim como também estavam pessoas de má fama, miseráveis, criminosos e indígenas nativos da região.<sup>14</sup>

Neste momento, é importante ressaltar dois elementos de destaque no conto: a floresta e o fogo. Segundo o Dicionário de Símbolos (2015), a floresta constitui um santuário natural, sendo também um símbolo de poder e de vida, mas “por sua obscuridade e seu enraizamento profundo, a floresta simboliza o inconsciente. Os terrores da floresta, [...] seriam inspirados [...], pelo medo das revelações do inconsciente” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p.439). Esta definição ilustra o sentimento que Goodman Brown tem desde o início de sua jornada, quando adentrou a floresta pela primeira vez e começou a ter conhecimento da verdadeira identidade de tudo que ele julgava conhecer; assim como do medo que ele tem de perder a sua *fé-Faith*. Quanto ao fogo, Chevalier & Gheerbrant (2015) dizem que:

[A]ssim como o Sol, pelos seus raios, o fogo simboliza por suas chamas a ação fecundante, purificadora e iluminadora. Mas ele apresenta também um

---

<sup>14</sup> Ao longo do conto, nos momentos que trazem menção aos nativos norte-americanos, é utilizado o termo *powwow*. Este nome, que significa “sonhador” na língua algonquiana, é como os nativos chamavam os seus curandeiros. Era também o nome dado ao cerimonial entre os nativos com um feiticeiro. No século XIX, os colonizadores adotaram este termo para designar qualquer tipo de conferência ou encontro que tinha o intuito de tomar alguma decisão, hoje em dia o termo *powwow* ainda é utilizado informalmente com este mesmo significado. Disponível em: <<https://www.teclasap.com.br/powwow/>> Acesso em: 17 jul, 2019.

**aspecto negativo:** obscurece e sufoca, por causa da fumaça; queima, devora e destrói: o fogo das paixões, do castigo e da guerra (...). O fogo, *fumegante e devorador*, numa antítese completa da chama iluminante, *simboliza a imaginação exaltada... o subconsciente... a cavidade subterrânea... o fogo infernal* (...). (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p. 443, grifos do autor)

Deste modo, podemos relacionar o fogo no conto com a imagem do inferno e tudo que se relaciona a ele. Porém, podemos analisar também este elemento como a força que destrói e expõe, mas ao mesmo tempo ilumina. Neste caso, ele pode representar a destruição da fé e da verdade em que Goodman acreditava, e a iluminação para a realidade de quem as pessoas que ele imaginava conhecer realmente eram. Além disso, pode-se sugerir que o fogo está representando também o subconsciente de Goodman Brown. A imagem do fogo é essencial para a análise do conto, surgindo em um momento crucial na narrativa, pois simboliza o elemento que extingue, mas também renova a vida, permitindo a purificação dos personagens e o seu renascimento perante as circunstâncias em que se encontram.

Neste momento do conto, o fogo ilumina o campo em que se encontra, mas ele também cria uma atmosfera exaltada e que relembra as descrições que conhecemos sobre o inferno. Dentro desta interpretação, a presença do fogo em torno do altar de pedra também relembra, de maneira comparativa, a utilização das velas nos costumes do cristianismo. As velas estão presentes nos altares das igrejas, assim como são utilizadas no ritual de batismo. Ainda, a vela é colocada na mão da pessoa no seu leito de morte, para simbolizar a iluminação na passagem da vida terrena para a espiritual. Assim, o fogo pode simbolizar dentro do conto a iluminação, o batismo, a morte e o renascimento.

Seguindo no conto, enquanto são cantados louvores que expressavam tudo o que a natureza humana pode conceber como pecado, os sons da floresta se intensificam e as chamas queimam em labaredas ainda mais altas. Em meio a isso, surge próximo ao altar a figura obscura de um homem, o qual ordena aos convertidos que venham à frente. Neste momento, Goodman Brown saiu das sombras da floresta e seguiu em direção ao altar escoltado pelo Ministro e pelo Diácono Gookin, ao mesmo tempo em que uma moça encapuzada é levada pela catequista Goody Cloyse e por Martha Carrier<sup>15</sup> – a qual havia recebido a promessa de se tornar a rainha do Inferno. A figura obscura dá as boas-vindas aos que estavam presentes e diz para os convertidos olharem a sua volta. Então, esse personagem

---

<sup>15</sup>Goody Cloyse e Martha Carrier foram pessoas reais julgadas durante a Caça às Bruxas de Salem. Martha Carrier foi acusada de bruxaria por um vizinho após uma disputa por terras e foi executada em 1692. Já Goody Cloyse, acreditamos que foi inspirada em Sarah Cloyce, que foi presa durante a Caça, mas não foi acusada formalmente e mais tarde recebeu liberdade. Disponível em <<https://historyofmassachusetts.org/salem-witch-trials-victims/>> Acesso em: 15 de jun, 2019.

desconhecido dá início ao discurso que iria mudar completamente a visão de mundo de Goodman Brown:

Eis aqui (...) todos os que vós tendes reverenciado desde a juventude. Vocês os consideravam mais santos que a si mesmos (...), e ainda assim, aqui estão todos eles em minha adoração. Esta noite será concedido a vocês o conhecimento dos segredos deles (...). Pela simpatia de seus corações humanos pelo pecado, vocês irão identificar todos os lugares – seja na igreja, em seus quartos, nas ruas, campos ou florestas – em que crimes tenham sido cometidos, e irão contemplar a terra toda com o sentimento de culpa (...). E, muito além disso, será de vocês o poder de colocar em seus peitos o profundo mistério do pecado, a fonte de todas as artes perversas, e que inesgotavelmente fornece mais impulsos malignos que o poder humano (...) pode manifestar em atos. E agora, minhas crianças, olhem um para o outro. (HAWTHORNE, 2004, p. 219-220, tradução nossa)<sup>16</sup>

Expondo o que estava até então nas entrelinhas, o personagem que toma a palavra exhibe os ícones de moralidade e honra daquela sociedade como falácias, como representantes da classe mais desprezível dos seres humanos. Seja na igreja, nos quartos, ruas, campos ou florestas, o mundo de Goodman Brown estava repleto desses parasitas pecadores, que agora estão tendo os seus segredos revelados. A obscuridade que marcava a jornada do protagonista não estava apenas no espaço ao redor dele, mas nos próximos valores por ele representados. Agora não havia mais volta, a hipocrisia e a insistência de não querer ver o que estava diante deles não seria mais uma opção para aqueles sujeitos. Forçados a olhar uns para os outros, esses personagens são obrigados a reconhecer em seus inimigos seus amigos, companheiros, filhos, vizinhos e seus mestres. Entre aqueles que mais julgavam e sentenciavam é que mais habitavam aqueles dignos de julgamento e de sentença moral. Nesse sentido, este discurso é fundamental para marcar a inversão de valores que agora se escancara frente à Goodman Brown. Através dessa fala fica exposta a hipocrisia dos fiéis que ele tanto admirava e, além disso, ela também coloca em seu coração a dúvida gerada pelo conhecimento de suas verdadeiras identidades e atos, de modo que Goodman Brown nunca mais seria capaz de ver as pessoas com os mesmos olhos.

Este excerto pode ser comparado com a seguinte passagem bíblica sobre a Queda do Homem, onde a serpente oferta a Eva o fruto proibido, presente no capítulo 3 do livro Gênesis:

---

<sup>16</sup> “There [...] are all whom ye have revered from youth. Ye deemed them holier than yourselves [...]. Yet here are they all in my worshipping assembly. This night it shall be granted you to know their secret deeds. [...] By the sympathy of your human hearts for sin ye shall scent out all the places – whether in church, bed-chamber, street, field, or forest – where crime has been committed, and shall exult to behold the whole earth one stain of guilt [...]. Far more than this. It shall be yours to penetrate, in every bosom, the deep mystery of sin, the fountain of all wicked arts, and which inexhaustibly supplies more evil impulses than human power [...] can manifest in deeds. And now, my children, look upon each other.”

4. Então a serpente disse à mulher: — É certo que vocês não morrerão. 5. Porque Deus sabe que, no dia em que dele comerem, os olhos de vocês se abrirão e, como Deus, vocês serão conhecedores do bem e do mal. 6. Vendo a mulher que a árvore era boa para se comer, agradável aos olhos e árvore desejável para dar entendimento, tomou do seu fruto e comeu; e deu também ao marido, e ele comeu. 7. Então os olhos de ambos se abriram; e, percebendo que estavam nus, costuraram folhas de figueira e fizeram cintas para si. (Gênesis 3: 4-7)

Neste capítulo, é dito que se Adão e Eva comerem do fruto da árvore que Deus os havia proibido comer, eles morreriam; porém a serpente afirma que isso não aconteceria, mas que haviam sido proibidos porque se comessem o fruto desta árvore seus olhos se abririam e, assim como Deus, eles seriam conhecedores do bem e do mal. Eva e Adão comem o fruto e acabam por obter este conhecimento, isto fez que eles fossem expulsos do Jardim do Éden, como podemos ver nos seguintes versículos:

22. Então o SENHOR Deus disse: — Eis que o homem se tornou como um de nós, conhecedor do bem e do mal. É preciso impedir que estenda a mão, tome também da árvore da vida, coma e viva eternamente. 23. Por isso o SENHOR Deus o lançou fora do jardim do Éden, para cultivar a terra da qual havia sido tomado.” (Gênesis 3: 22-23)

Neste caso, o que acontece com Goodman Brown ao final do conto pode ser comparado com a Queda do Homem através do conhecimento obtido. De volta ao conto, Goodman Brown descobre que a mulher ao seu lado é Faith. No altar em frente a eles havia um desgaste na rocha, o que acabava formando uma bacia natural que parecia conter um líquido avermelhado. O líquido, por sua vez, Goodman Brown não conseguia distinguir; o vulto mergulhou as mãos neste líquido e se preparou para colocar sobre eles a marca do batismo. Este ato pode ser analisado a partir do significado do batismo em si. Segundo Chevalier & Gheerbrant (2015), o batismo é “uma operação iniciática de regeneração. A água (...) desempenha papel complementar ao do fogo nos rituais de purificação ou de regeneração” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p.126). Sendo assim, uma leitura possível é a de que tanto o líquido da rocha quanto o fogo teriam o papel de iniciar o casal e purificá-los das mentiras do puritanismo. Goodman Brown olha mais uma vez para Faith, e ela para ele, quando então ele grita: “Faith! Faith (...)! olhe para o Céu e resista ao mal” (HAWTHORNE, 2004, p. 221, tradução nossa).<sup>17</sup>

---

<sup>17</sup>“Faith! Faith[...!] look up to heaven, and resist the wicked one.”

Pouco depois de pronunciar estas palavras, Goodman Brown se vê sozinho naquele mesmo lugar, em meio à calma da noite ouvindo o barulho do vento na floresta.

Com o dia amanhecendo, o jovem Goodman Brown retorna lentamente para a vila de Salem, encarando a todos completamente desorientado. O Ministro estava caminhando e abençoou o jovem ao passar por ele, que por sua vez fugiu do homem como se estivesse evitando uma maldição. Goodman ouve o Diácono Gookin rezando e o ironiza em pensamentos, sugerindo que é difícil saber para qual Deus aquele homem reza. Goody Cloyse estava catequizando uma jovem, e Brown tirou a menina de lá como se ela estivesse sido deixada irresponsavelmente na companhia de uma péssima influência. Ele continuou seu caminho até ver Faith com suas fitas cor de rosa esperando por ele ansiosamente; ela corre até ele com imensa alegria, mas ele apenas olha para ela com um semblante sério e triste, e continuou caminhando sem nem ao menos cumprimentá-la. Ao fim do conto fica a dúvida se os acontecimentos da noite anterior foram reais ou se Goodman Brown havia adormecido na floresta e sonhado com aquela noite selvagem de bruxaria. Porém, se foi apenas um sonho, para Goodman Brown foi um pesadelo e um mau presságio, pois, daquela manhã em diante, o jovem se tornaria sério, triste e desconfiado. Tudo que era sagrado e admirável para ele agora se resumia a mais pura blasfêmia. Nas últimas linhas da história o narrador explica que, no momento de sua morte, não foi escrito nenhum epitáfio de esperança no túmulo de Goodman Brown, pois seus últimos momentos foram de culpa e de trevas.

**Resultados:** O objetivo deste trabalho foi o de discutir a simbologia presente no conto “*Young Goodman Brown*”, de Nathaniel Hawthorne. A análise foi feita elucidando, com apoio do arcabouço teórico selecionado, como a simbologia utilizada pelo autor está representada no decorrer do conto.

A relevância desta pesquisa pode ser justificada pelo fato de que podemos observar como acontecimentos históricos – neste caso a Caça às Bruxas e a autoridade da religião puritana – parecem ter influência na percepção que temos de nossa sociedade. Por consequência, a literatura surge como um mecanismo de suma relevância não só para representação dessa percepção, mas também, e talvez principalmente, para seu questionamento, sendo a arte uma ferramenta concreta para a mais profunda insubmissão.

Nessa pesquisa, nosso olhar se voltou para o desenvolvimento da narrativa através dos diversos símbolos e possíveis analogias que dela emergem. Devido às limitações de tempo e espaço que esse tipo de pesquisa inevitavelmente acarreta, alguns temas não foram abordados, como, por exemplo, as características da literatura fantástica de Hawthorne, ou ainda uma análise mais dedicada acerca da representação da figura do Diabo no conto “*Young Goodman Brown*”. Porém, entendemos que este trabalho abre portas para que estas pesquisas possam ser realizadas futuramente.

Podemos ainda trazer a análise do conto para os dias de hoje, tendo em mente que, infelizmente, a hipocrisia religiosa como está descrita no conto ainda existe. Sabe-se que alguns líderes religiosos usam a fé das massas como um meio de manipulação, assim como muitas pessoas escondem suas verdadeiras identidades por trás de aparências, quando na verdade não deixam de ser como os pecadores que tanto incriminam. Deste modo, o conto permanece atemporal, pois sempre podemos relacionar excertos com situações reais.

A caça às bruxas pode ter ficado no passado, mas a perseguição religiosa e o julgamento que amedronta o jovem Goodman Brown continuam sendo parte da realidade de muitas pessoas. Por fim, deixamos o seguinte questionamento: Somos como Goodman Brown antes de sua jornada, ou seja, mantemos nossos olhos e mentes fechados diante da realidade, ou acordamos do transe e nos tornamos conscientes de toda a carga de mentiras e manipulações que nos é instituída?

## REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**. Tradução de Nova Almeida Atualizada, 2017. Disponível em: <<https://www.sbb.org.br/biblia/>> Acesso em: 17 jul, 2019.

BLUMBERG, Jess. **A Brief History of the Salem Witch Trials**, 2007. Disponível em: <<https://www.smithsonianmag.com/history/a-brief-history-of-the-salem-witch-trials-175162489/>> Acesso em: 02 jun. 2019.

BONNICI, Thomas. **Short stories: an anthology for undergraduates**. 2 ed. Maringá: UEM, 2004.

BROOKS, Rebecca B. **The Salem Witch Trials Victims: Who Were They?**, 2015. Disponível em: <<https://historyofmassachusetts.org/salem-witch-trials-victims/>>. Acesso em: 15 jun. 2019.

CALVINO, Ítalo. **Contos fantásticos do século XIX: o fantástico visionário e o fantástico cotidiano**. Organização de Ítalo Calvino. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CARVALHO, Ulisses Wehby de. **POWWOW: qual é o significado e a tradução de "POWWOW"**. Disponível em: <<https://www.teclasap.com.br/powwow/>> Acesso em: 17 jul, 2019.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário dos símbolos: Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. 28ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. **Quaker: Christian Group Member**, 2017. Disponível em: <<https://www.britannica.com/topic/Quaker>>. Acesso em: 01 jun. 2019.

ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. **Salem witch trials**, 2019. Disponível em: <<https://www.britannica.com/event/Salem-witch-trials>> Acesso em: 02 jun. 2019.





---

FONSECA, Carlos. Deus está do nosso lado: Excepcionalismo e religião nos E.U.A. **Contexto internacional**. Rio de Janeiro, v. 29, n. 1, 2007, p. 149-185.

LOVECRAFT, Howard Phillips. **O horror sobrenatural em literatura**. Tradução de Celso M. Paciornik. São Paulo: Iluminuras, 2007.